

OXIGÊNIO

AGOSTO 2022

o

NÚMERO 36



O MAPA
DA MINA
DE ALEX
FLEMMING

EDITORIAL

O *Mapa da Mina* de Alex Flemming propõe uma reflexão sobre a utilização justa e adequada do solo brasileiro. Nada mais atual.

Para a Oxigenio Revista, todos os caminhos do Mapa levam à cultura. Seja através dos provocativos trabalhos de Flemming, dos desenhos que chamam a atenção para a valorização da terra-floresta, de Joseca Yanomami, ou das pinturas de personalidades negras, indispensáveis à construção desse país, de Dalton Paula.

O respeito à orientação sexual, através do olhar sensível do cineasta Severino Neto, contido no longa mato-grossense *Shangri-Lá*, a beleza das tradições dos povos brasileiros clicados pelo fotógrafo Marcelo Oséas, que reverte parte das vendas aos grupos fotografados, ressaltam a riqueza da arte.

Assim como os movimentos do corpo bailando nas coreografias do *Dança em Trânsito*, ou ainda na determinação de governos, como o do estado do Espírito Santo, de valorizar seus próprios talentos.

A visão crítica contida na obra de Cornélia Parker, uma das mais prestigiadas artistas do Reino Unido, ou a preservação irretocável da cidade portuária de Piran, na Eslovênia, tudo está contido no grande mapa que norteia os caminhos daqueles que entendem a importância da valorização do patrimônio artístico cultural.

Independentemente de políticas públicas, A CULTURA RESISTE.

Boa Leitura!

Foto de capa: Alex Flemming, *O Mapa da Mina* – Crédito Henrique Luz

(21) 3807-6497 / 97326-6868 | oxigeniorevistabr@gmail.com | www.oxigeniorevista.com
ANUNCIE, ENVIE SUGESTÕES DE PAUTA, COLABORAÇÕES, IMAGENS, PUBLIREPORTAGENS.

Jornalista Responsável: Vera Matagreira – MTB 16.742 | Editora: Ana Ligia Petrone
Correspondente em Londres: Maria Hermínia Donato
Colaboradora: Antonella Kann

ÍNDICE

04

OXIGENE: Após sete anos em cartaz, espetáculo “*Ämanda*” estreia no CCBB RJ | Sesc São Paulo estreia “*F.E.T.O. (Estudos de Doroteia Nua Descendo a Escada)*”, novo trabalho de Gerald Thomas | Filme “*A Batalha de Shangri-Lá*” relata as consequências do estupro corretivo | *Semana de Portas Abertas* EAV Parque Laje

13

MATÉRIA DE CAPA: Mostra de Alex Flemming propõe reflexões sobre o solo brasileiro

18

TURISMO: Piran, pequeno segredo à beira-mar

23

NINGYŌ: Arte e beleza dos bonecos japoneses

25

No Masp, primeira mostra individual de **Joseca Yanomami** e pinturas de personalidades históricas negras de **Dalton Paula**

32

CINEMA: Festival Internacional de Cinema acontece entre os dias 9 e 13, com exibição de 42 obras de 12 países

34

A partir do dia 1º, **PLAY FESTIVAL** leva artes integradas para circular em cinco regiões do Rio de Janeiro

38

FOTOGRAFIA: Marcelo Oséas inaugura galeria de arte em Paraty, RJ

42

DANÇA: Dança em Trânsito 2022 – 4º Circuito – de 8 a 25 de agosto

47

Reviravolta no Espírito Santo

50

DIRETO DE LONDRES: Entre dois amores



Foto: Priscila Natany

APÓS SETE ANOS EM CARTAZ, ESPETÁCULO “AMANDA” ESTREIA NO CCBB RJ

Sucesso de crítica, solo estrelado pela atriz mineira Rita Clemente, com texto de Jô Bilac, faz curta temporada no Centro Cultural Banco do Brasil Rio de Janeiro

Dirigido por Rita com interlocução artística de Diogo Liberano, o monólogo com texto do carioca Jô Bilac, fica em cartaz de 10 de agosto a 4 de setembro, de quarta a domingo, no Teatro III do Centro Cultural Banco do Brasil Rio de Janeiro. Sucesso desde 2015, após diversas temporadas pelo Brasil e apresentações online, enfim, o solo “Amanda” chega aos palcos do Rio de Janeiro. Fruto da pesquisa de dramaturgia de

cena da atriz, “Solo, Sim! Monólogo, não!”, que diferencia a obra solo da ideia de monólogo, a montagem reforça o conceito de que, no solo, o espectador se depara com muitas outras vozes em cena, além da presença de uma só atriz.

“Não tem nada de improvisação, sequer se trata da efemeridade da linguagem teatral, pelo contrário, trata-

se de enfatizar que os vocabulários criados resistem ao tempo e sua permanência permite que se desdobrem em novos sentidos, sem fugir do compromisso estético e estilístico da obra”, afirma Rita Clemente. O pressuposto é que a cena, tal como o texto, tem sua escrita e, por isso, pode ser revisitada, relida, novamente apreciada, mostrando uma nova perspectiva dramatúrgica para o espectador. Isto é, cada vez em que se vai ao teatro, sempre é um novo momento para o público e para os artistas da cena. “Teatro de Arte tem vocabulário, elaboração, articulação e, como toda linguagem, pode e deve ser visto novamente. Uma cena atual e contemporânea é uma cena que dialoga com o tempo: que se inspira no passado, reflete o presente e aspira o futuro”, frisa.

Em “Amanda”, Rita dá vida à personagem homônima, uma mulher de meia-idade que perde progressivamente os cinco sentidos e ainda assim busca, corajosa e absurdamente, continuar com o mínimo, com o pouco, com o nada. Gradativamente, o público vai acompanhando as sensações dessa mulher, que sem saber como e nem por quê, de repente vê sua vida se esvaindo com a perda das sensações mais ordinárias, mas que, no fim, são as que nos mantêm vivos.

As perdas, de maneira geral, marcam as reflexões e metáforas do contexto, e Jô Bilac propõe um texto simples e cheio de desmembramentos. Ao refletir os valores e recalques da classe média, através de uma autocritica bem-humorada da personagem, o texto se aprofunda e toca também no universo de uma mulher perdida em um mundo que silencia sua voz. A perda dos sentidos, proposta pelo autor, é também forma de redescobrir um novo “olhar” sobre a vida.

SERVIÇO

Amanda

De 10 de agosto a 4 de setembro (de quarta a domingo)
Teatro III do CCBB RJ – R. Primeiro de Março, nº 66,
2º andar, Centro, Rio de Janeiro

Horário: Quarta a sábado, às 19h30; Domingo, às 18h

Capacidade: 70 pessoas

Duração: 57 minutos

Classificação: 14 anos

Ingressos: R\$ 30,00 (inteira) / R\$ 15,00 (meia),
emitidos na bilheteria do CCBB ou pelo site

eventim.com.br

Meia-entrada estudantes e professores, crianças com até 12 anos, maiores de 60 anos, pessoas com deficiência e seus acompanhantes e casos previstos em Lei, e clientes Banco do Brasil.

Mais informações:

(21) 3808-2020 e ccbbrio@bb.com.br



Foto: Priscila Natany



Foto: Claudia Oliver

Sesc São Paulo estreia “F.E.T.O. (Estudos de Doroteia Nua Descendo a Escada)”, novo trabalho de Gerald Thomas

Com uma habilidade genial para ironizar e satirizar os desvios comportamentais da sociedade, Nelson Rodrigues criou um teatro único e universal que vem atravessando décadas com a mesma vitalidade. A trama da sua peça “Doroteia” nos mostra a personagem título quando, depois da morte do filho, resolve abandonar a prostituição e procurar por suas primas em busca de uma vida virtuosa. No entanto, elas a repudiam por causa de seu passado e por julgarem que sua beleza atrai o pecado. Para aceitá-la, lhe impõem uma condição: Doroteia precisa ficar feia.

Em síntese, essa é a trama de “Doroteia”, mas Gerald Thomas não vai encenar a peça. Ele parte dela e das provocações que ela lhe imprime para produzir um espetáculo (um estudo) que de alguma forma dialogue

com a Doroteia de Nelson Rodrigues, ao mesmo tempo em que investiga a alma do seu criador e o seu tempo.

“Nelson Rodrigues foi a própria Weltschmerz em pessoa, mas ninguém lhe dava o crédito humanístico para tal. Ele era ‘tudo’, mas esse tudo não compreendia o sofredor do mundo. Weltschmerz é o peso que eu atribuo a essa peça que aqui não enceno. O que enceno são estudos. Estudos decompostos dela. Estudos como se fossem gargarejos, ou ruídos ainda vindos de Hiroshima ou das profundezas de Auschwitz ou de qualquer lugar onde a tirania... sim, a tirania militar ou qualquer outra roubasse a alma humana do corpo, rasgasse a alma, esquartejasse a alma como se não valesse coisa nenhuma e a trocasse por alguns míseros centavos de beleza postiça”, comenta Thomas.*

Se formos tratar dos conceitos desta encenação de Thomas, talvez o mais eminente, nesse momento, é dizer que *“F.E.T.O. (Estudos de Doroteia Nua Descendo a Escada)”* é livremente inspirado na farsa irresponsável de Nelson Rodrigues, tendo como cruzamento o famoso trabalho de Marcel Duchamp *“O Nu Descendo a Escada”* e a obra *“No Vento e na Terra I”*, de Iberê Camargo.

“Há duas semanas me deparei novamente com “No Vento e na Terra I”, pintura de Iberê Camargo (muito provavelmente uma das telas mais emocionantes que conheço). Eles dois e também o Marcel Duchamp são estudos fascinantes e rumos fascinantes. Rumos plásticos, rumos drásticos e rumos obviamente dramáticos. É só ver a natureza do que está implícito em tudo isso: Camargo, Rodrigues e Duchamp.” (Gerald Thomas – São Paulo, 20 de junho de 2022)

* Weltschmerz (do alemão), literalmente dor de mundo, também cansaço do mundo. Seu significado original no dicionário alemão Deutsches Wörterbuch, concebido pelos Irmãos Grimm, denota uma tristeza profunda sobre a insuficiência do mundo.

FICHA TÉCNICA

Criação e direção: Gerald Thomas

Coreografia aérea e co-direção: Lisa Giobbi

Elenco: Fabiana Gugli, Rodrigo Pandolfo, Raul Barreto, Lisa Giobbi, Beatrice Sayd e Ana Gabi

Dramaturgismo: David George

Desenho de luz: Wagner Pinto

Cenografia e direção técnica: Fernando Passetti

Figurinos: João Pimenta

Trilha Sonora – composição original: Eduardo Agni

Sonoplastia: Ale Martins

Adereços: Clau Carmo



Foto: Claudia Oliver

Preparação corporal: Fabricio Licursi

Assistência de direção: André Bortolanza

Direção de produção: Dora Leão

Realização: Sesc São Paulo

SERVIÇO

F.E.T.O. (Estudos de Doroteia Nua Descendo a Escada)

Livremente inspirado em Doroteia de Nelson Rodrigues

Até 28 de agosto de 2022

Dias e horários:

Quarta a sábado, às 21h, e domingos, às 18h

Local: Teatro Anchieta – Sesc Consolação

Rua Dr. Vila Nova, 245, Vila Buarque, São Paulo

Informações: 11 3234-3000

Lotação do teatro: 280 lugares

Valor dos ingressos: R\$ 50,00 (inteira) e R\$ 25,00 (meia entrada) e R\$ 15,00 (credencial plena)

Ingressos adquiridos na bilheteria ou antecipadamente pelo site sescsp.org.br ou nas bilheterias das unidades do Sesc São Paulo

Classificação: Indicado para maiores de 16 anos

Duração: Aproximadamente 120 minutos

Filme “A Batalha de Shangri-Lá” relata as consequências do estupro corretivo



Foto: Camila Solé

Produção mato-grossense que tem no elenco Gustavo Machado, Ingra Lyberato e Maria Ceíça, traz uma história atual, que coloca o tema da opressão à sexualidade em evidência

Com uma trama que aborda temas atuais que carecem de maior diálogo na sociedade, o filme brasileiro *“A Batalha de Shangri-Lá”* chega aos cinemas em 11 de agosto. Produzido e filmado no Mato Grosso, este longa-metragem tem em seu elenco nomes conhecidos nacionalmente, como Gustavo Machado, Ingra Liberato e Maria Ceixa, protagonistas deste drama com pitadas de suspense e tragédia, composto por camadas complexas que são desvendadas à medida que a história avança.

No filme, João (Gustavo Machado) perde seu pai adotivo e inicia uma jornada pessoal para obter respostas sobre seu passado. Ele parte em busca de sua mãe biológica, que o abandonou há quase 40 anos, no interior do Mato Grosso. Em uma viagem por um Brasil profundo, conhece sua cidade natal e pessoas que fizeram parte do passado da mulher que procura, mas sem respostas muito claras.

João vai encontrando pistas que o levam por caminhos físicos e emocionais, colocando em xeque suas con-



Foto: Camila Solé

vicções e preconceitos. O encontro com sua mãe é ao mesmo tempo intenso e doloroso, trazendo à tona angústias do passado e revelações que irão afetar as vidas dos dois para sempre.

O filme levanta temas atuais e urgentes, como a violência familiar e social, a intolerância quanto a uma sexualidade vista como tabu por uma parcela considerável da sociedade, entre outros assuntos relacionados. O personagem de Gustavo Machado é fruto da violência sexual contra uma pessoa LGBT, conhecida como “estupro corretivo”. Ocorre quando um heterossexual violenta uma lésbica para que ela se torne hétero (e em grande parte dos casos é praticado por pessoas muito próximas da vítima). Este é o primeiro filme brasileiro a ter como tema central este tipo de crime.

“A Batalha de Shangri-Lá” passou por diversos festivais no Brasil e no exterior, entre eles o *Festival de Brasília do Cinema Brasileiro*, *Festival Mix Brasil de Cultura da Diversidade*, *LABRFF – Los Angeles Brazilian Film Festival* (EUA), *Manchester Film Festival* (Inglaterra), *Oslo Film Festival* (Noruega, onde foi finalista na categoria drama), entre outros.

DESENVOLVIMENTO DA NARRATIVA

Antes de ser filmado, o roteiro de *“A Batalha de Shangri-Lá”* foi selecionado na 13ª edição do festival Ibermedia, em Madri (Espanha), onde passou por um laboratório de desenvolvimento de roteiro que teve como consultores os cineastas Karim Ainouz e Tomas Aragay.

O diretor e roteirista Severino Neto escreveu a história quando tomou conhecimento sobre o “estupro corre-

tivo”, um crime chocante praticado contra mulheres lésbicas. Apesar de ocorrer com certa frequência, não é comentado na mídia. *“Essa angústia, esse incômodo, me fez escrever e dirigir a ‘A Batalha de Shangri-Lá’ e, apesar do tema ser tratado com sutileza, as nuances do meu estado e as possíveis causas dessas situações estão expostas. Eu acredito que uma história contada dessa forma possui o poder de reflexão e repercussão, ou, pelo menos, a capacidade de tornar o assunto um pouco mais conhecido”*, relata.

PRODUÇÃO MATO-GROSSENSE

O filme foi produzido e filmado em Cuiabá, no Mato Grosso, com cerca de 80% da equipe vinda da cidade. Os diretores Severino Neto e Rafael de Carvalho são atuantes no atual cenário de audiovisual da capital mato-grossense.

Este fato foi motivo de aproximação para as atrizes principais. *“Para mim é sempre um privilégio trabalhar em regiões que criam sua própria potência de realização e expressão cultural”*, afirma Ingra Lyberato. *“Mato Grosso é um desses lugares que marcam a vida dos que passam, por causa do seu povo, suas belezas naturais e seus costumes. Foi pura interação criativa com os diretores, com meus colegas de cena e a equipe. Um presente”*, completa.

Maria Ceíça observou que a cidade passa por um período de crescimento no audiovisual. *“Quando recebi formalmente o convite, fui saber sobre o que se estava produzindo em Cuiabá. Esta turma jovem do cinema está vindo com uma força incrível. Severino Neto e Rafael de Carvalho fazem parte disso”*, relata.

“A Batalha de Shangri-Lá” tem produção da *Molera Filmes* e *Moro Filmes* (que também é distribuidora do filme) e foi realizado com recursos do Estado do Mato Grosso, através da linha de Co-Investimento do Fundo Setorial do Audiovisual / BRDE / ANCINE.

SERVIÇO

Filme “A Batalha De Shangri-Lá”

Estreia nacional: 11/08/2022

Direção: Severino Neto e Rafael De Carvalho

Elenco: Gustavo Machado, Ingra Lyberato, Maria Ceíça, Luciano Bortoluzzi, Andrade Junior, Laíze Câmara, Tatiana Horevicht e Ana Luiza Nunes

Gênero: Drama / Suspense

País de Origem: Brasil

Duração: 99 minutos

Classificação Indicativa: 14 anos

Trailer: <https://vimeo.com/722281349>



Semana de Portas Abertas

EAV Parque Lage

Instituição abre o segundo semestre de 2022 no dia 1º oferecendo aulas abertas nos formatos online e presencial. Intenção é apresentar os professores e as mais de 50 proposições de cursos

A Escola de Artes Visuais (EAV) do Parque Lage, no Rio de Janeiro, convida todas as pessoas interessadas em conhecer seus cursos a participarem da *Semana de Portas Abertas*. De 1º a 6 de agosto, durante a abertura do segundo semestre, a instituição oferece aulas públicas. *“São cerca de 60 cursos remotos e presenciais, e mais de 50 professores-artistas que oferecem proposições diversas, com valores mensais a partir de R\$ 380. Os cursos estão subdivididos em oito núcleos: pintura e desenho; imagem em movimento; estudos críticos e curatoriais; volume e espaço; corpos; desenvolvimento de projetos/poéticas; oficinas gráficas e fotográficas; e o Parquinho Lage”,* informa Alberto Saraiva, diretor da EAV.

Para participar das aulas remotas, basta acessar o link disponibilizado na lista de cursos, na hora marcada, através do site da instituição. As vagas para as aulas presenciais serão ocupadas por ordem de chegada. A lista completa de cursos (com ementas) e mais informações pode ser conferida no site da EAV Parque Lage (<http://eavparquelage.rj.gov.br/escola>).

CONFIRA ALGUNS CURSOS

DA SEMANA DE PORTAS ABERTAS

Em **“Criação de documentário”**, os professores Alexis

Zelensky e Luana Vieira compartilham o universo do documentário, convidando os participantes à criação de um filme a partir da temática geral: o Parque Lage. Além de ateliês práticos para familiarizar os participantes com o cinema e com o manuseio técnico de seus instrumentos, serão realizadas vivências nos espaços do parque e da EAV. O objetivo do curso é sensibilizar os alunos à criação de imagens em movimentos e despertar o interesse pelo cinema a partir da realização de um documentário, onde eles serão os idealizadores do filme.

A colagem como uma importante chave de compreensão na produção de imagens históricas e contemporâneas é a abordagem do curso **“Colagem como forma de pensamento”**, ministrado por Pedro Varela, na modalidade presencial. Ao longo do semestre, os alunos serão provocados a se aproximar desta linguagem em seus aspectos formais, técnicos e conceituais por meio de exercícios práticos seguidos de acompanhamento crítico.

O curso **“Fotografia expandida”**, da professora Denise Cathilina, acontece nos formatos online e presencial e pretende, a partir das ideias de Vilém Flusser, discutir a fotografia para além das questões técnicas e estimu-

lar o desenvolvimento de uma linguagem pessoal. O objetivo deste curso prático e introdutório é propiciar a orientação e o aprofundamento do discurso e da prática relacionada às imagens. A proposta de trabalho é explorar as fronteiras da fotografia contemporânea e seus hibridismos.

Dando nome ao curso, os **“Encontros e reflexões”** conduzidos pela artista Iole de Freitas propõem escutar e perceber de forma sensível o trabalho do outro, expressar-se e buscar compreender o próprio trabalho. Através de videoconferências semanais, os encontros estimulam a reflexão sobre a poética e a produção recente de cada artista do grupo, constituindo um espaço horizontal de troca.

Com uma abordagem instigante, o curso online **“O Processo Criativo”**, do professor Charles Watson, aponta os mais diversos fatores que fazem a diferença

para um desempenho criativo otimizado. A partir de palestras interdisciplinares e interativas, amplamente ilustradas com textos, entrevistas, vídeos e exercícios, este workshop tece uma teia de conexões improváveis entre uma ampla variedade de assuntos supostamente desconexos: desde arte contemporânea, design, música e negócios à genética, Neo-Darwinismo, neurociência e até comédia stand-up.

SERVIÇO

Semana EAV de Portas Abertas – 2º semestre | 2022

De 1º a 6 de agosto de 2022

Escola de Arte Visuais do Parque Lage

Rua Jardim Botânico, 414, Rio de Janeiro, RJ

Website: <http://eavparquelage.rj.gov.br/>

Instagram: [@parquelage](https://www.instagram.com/parquelage)

Whatsapp: (21) 99232-8162

Matrículas: <http://eavparquelage.rj.gov.br/cursos>



Foto: Felipe Azevedo

Mostra de ALEX FLEMMING propõe reflexões sobre o solo brasileiro



No ano em que o Brasil completa 200 anos de independência, o artista propõe uma reflexão sobre a utilização das riquezas naturais do país. As obras estão expostas na Biblioteca Mário de Andrade (SP), até dia 28



Foto: Henrique Luz

A mostra exalta a riqueza e a beleza geradas em nosso solo e traz um convite à reflexão sobre sua utilização: *“Minha proposta, com essas obras, é discutir as riquezas do Brasil, a forma de extração e a sua má distribuição. Desde a nossa colonização, o extrativismo gera fortunas que vão para os bolsos de uma minoria, escancarando a desigualdade da população”*, afirma Flemming.

Uma série de 23 chapas de madeira, recortadas no formato do mapa do Brasil, constituem a exposição **ALEX FLEMMING: O Mapa da Mina**. A Oxiênio Revista reproduz o texto curatorial.

O MAPA DA MINA, por Lucas Tolotti*

Alex Flemming nunca se furtou de pensar no Brasil em seus mais diversos aspectos e contradições. Artista cosmopolita, itinerante, tem em seu país de origem o alicerce de sua produção, que se manifesta envolvente e calorosa.

A série *O Mapa da Mina* retrata o Brasil que deveríamos – ou desejaríamos – ser: um país que mereça ser exaltado em toda sua diversidade. Sobre uma base de madeira no formato do mapa do Brasil, pedras preciosas – ametistas, peridot, opalas, citrinos, topázios,

** Lucas Tolotti é graduado em Comunicação Social, mestre e doutorando em Artes. Professor da ESPM Escola Superior de Propaganda e Marketing*



Foto: Henrique Luz

O ARTISTA

Flemming é um artista multimídia que transita pela pintura, gravura, instalação, desenho, colagem, escultura, fotografia e objetos, com foco na *"pintura sobre superfícies não tradicionais"*, como ele próprio revela.

Foi professor da *Kunstakademie* de Oslo, na Noruega, entre 1993 e 1994 e em 1998 produz sua obra pública de maior impacto, na estação Sumaré do Metrô em São Paulo, com 44 retratos em vidro recobertos por poesia.

Em 2016 inaugura mais 16 retratos em vidro colorido na Biblioteca Mário de Andrade, também em São Paulo.

SERVIÇO

Alex Flemming – O Mapa da Mina

Até 28 de agosto

Local: Biblioteca Mário de Andrade

Rua da Consolação, 94, República, São Paulo/SP

Horário: das 11h às 18h

Entrada Gratuita

PIRAN, PEQUENO SEGREDO À BEIRA-MAR



Texto e fotos: Antonella Kann
www.antonellakann.com
antonellak1954@gmail.com

Piran, charmosa cidade portuária na Eslovênia, oferece uma das menores marinas em toda a costa do Adriático e surpreende pela posição geográfica e clima privilegiado

Se deseja velejar no golfo de Trieste, no mar Adriático, surpreenda todos os que estiverem a bordo e mude o rumo sutilmente até chegar ao charmoso porto de Piran, que abriga uma marina discreta, cênica e, podemos acrescentar, romântica. Sem mesmo se dar conta, você estará jogando as amarras num dos países mais *low profile* (e surpreendente) de toda a velha Europa: a Eslovênia, um dos segredos mais bem guardados dos países Balcãs, cujas fronteiras marítimas são a Itália e a Croácia e as terrestres ainda incluem a Áustria e a Hungria. Embora minúscula, Piran recebe turistas de várias cidades próximas, principalmente da capital Ljubljana, a pouco mais de 70 quilômetros de distância.

Como qualquer cidade costeira, Piran – cujo nome, em grego, deriva da palavra fogo – tem um típico clima mediterrâneo, mas que é considerado como o melhor do país, pois no verão as temperaturas encostam nos 30°C. Nesta região do Adriático, os ventos são característicos: o maestral, do oeste e moderado, o forte jugo do sudoeste e o burja do nordeste, mais forte ainda e que é o chamariz de surfistas oriundos do resto da Europa.

Praticamente incólume à invasão de turistas em comboio (está proibido o acesso a ônibus), o centro histórico mantém os ares de uma vila de pescadores com uma





Tartini Square

população abaixo de cinco mil pessoas. Este número só tende a diminuir, pois não há espaço para se expandir na península. Suas casas antigas e sobrados, bem compactados, têm sido reformados e preservados dentro dos conceitos arquitetônicos que regem a cidade.

O mar emoldura toda a rua principal e quebra-marolas nas muradas de pedras que protegem a orla. As águas são frescas e translúcidas, um convite para os banhistas que se aboetam de várias maneiras nas “praias” da “promenade”, ou seja, os calçadões de Punta e Madona, na ponta da península de Piran. A marina é localizada um pouco mais ao sul, renomada por ser

uma das mais abrigadas da Eslovênia, graças a um poderoso quebra-mar próximo aos faróis, além de um ancoradouro em forma de ferradura encravado praticamente dentro da praça principal da cidadezinha.

Em dias de maré de sigízia, no pico da alta, os barcos de pescadores – que são os que ocupam as posições estratégicas mais perto do porto – ficam praticamente rentes com a orla por onde trafegam os poucos carros autorizados a entrar na cidade. Como regra, os pedestres ficam livres para circular mais a vontade. Apenas os *scooters*, alugados para turistas, interrompem a rotina pacata de Piran.

Desembarcando no cais, vale a pena percorrer lentamente a cidade de Piran, seja pela atmosfera descontraída ou para observar as marcas que a história deixou impregnadas em suas pedras seculares ao longo dos tempo. Pouco se sabe de fato sobre a sua origem, que permanece envolta em misteriosas teorias. Especula-se que Piran, como cidade costeira fortificada, tenha sido habitada a partir do século V. Mas as fortificações de Punta foram construídas no século VII e indubitavelmente o terracota de suas fachadas são herança de uma era Veneziana.

É uma lição de História passar o dia em Piran, visitando seus museus (há um interessante Museu Marítimo ao pé do porto) ou apenas vagando – e se esgueirando –

pelo labirinto de vielas estreitas, escadarias e ladeiras sinuosas, adivinhando o rumo das que desembocam em um pátio arejado, diante de uma igreja, ou de uma barraquinha de frutas e verduras. Descobrir as que levam até o calçadão em Madona, onde os banhistas se espreguiçam em poltronas para tomar sol, e também sentam para almoçar nos restaurantes a beira-mar, é outra boa surpresa. Porém, após alguns passos, é fácil notar que existem muitos becos que não dão em lugar algum. Certas ruelas são tão apertadinhas que mal deixam penetrar os raios de luz.

É uma excursão atemporal, a começar pela praça mais badalada, *Tartinijev trg*, ou *Tartini Square*, para quem não consegue pronunciar esta palavra no idioma eslo-



veno. É nesta praça que pulsa o coração de Piran, onde o povo se reúne desde o século XIII e desde a época em que era o palco do mercado, em volta do qual todas as instituições municipais foram erguidas, como a Prefeitura e o Tribunal, além de residências importantes.

A praça – linda, limpa e atraente – representa a cultura e a beleza desta cidade medieval, rica em história e influência italiana, particularmente veneziana. Ela tem o nome do violonista Giuseppe Tartini (1692-1770), famoso pela criação da *"Devil's Trill Sonata"*, e já foi um cais interno para embarcações menores porque estava localizada fora das primeiras muralhas da cidade. Na Idade Média, o cais foi cercado por importantes edifícios e palácios, pelo que se tornou um importante local da cidade.

Hoje, em volta da praça temos de tudo: barzinhos, hotel, farmácia, chocolateria, restaurantes e sorveteria. As mesinhas protegidas por *ombrellones* garantem sombra e um pouco de brisa fresca aos turistas que se extasiam diante do cenário bucólico de Piran. Desde as primeiras horas da manhã até altas horas da noite, bebericando um café ou uma taça de vinho, observam o vai e vem e tudo o que se passa em volta do marco mais notório da cidade. Nada perturba o burburinho dos visitantes, apenas que, de hora em hora, de meia em meia, de quarto em quarto, das 6 da manhã às onze da noite, os sinos da igreja de São Jorge, que data do século XII, não apenas tocam como dão aquele toque peculiar a um portinho muito especial. Que é para ninguém se perder na cadência de Piran.

Porto de Piran

45º 31.60 N

13º 34.06 E

Mais informações: info@okoljepiran.si





Isho Maiko
Foto: Divulgação

NINGYŌ: Arte e beleza dos bonecos japoneses

Museu da Imigração, em parceria com a Fundação Japão (SP), mostra até 18 de setembro exemplares que carregam simbolismos desde os tempos do Japão antigo

Em tradução literal, *Ningyō* significa “forma humana” e é parte indispensável da cultura do Japão. Com o objetivo de oferecer uma introdução detalhada sobre essa tradição de mais de 200 anos, a mostra apresenta desde *Katashiro* e *Amagatsu*, considerados os arquétipos de bonecos no Japão, até os exemplares locais, que refletem o clima e as histórias de todo o país. Como complemento, fazem parte da mostra os bonecos de vestir, hoje adorados como brinquedos, além dos de ação, apreciados em todo o mundo.

Ao todo, são 67 modelos, selecionados e divididos em quatro seções: “*Ningyō como forma de oração pelo crescimento das crianças*”; “*Ningyō como obra de arte*”; “*Ningyō como arte folclórica*” e “*Disseminação da cultura Ningyō*”. A mostra oferece a oportunidade de compreender como esses objetos em forma humana, que já foram reconhecidos como símbolos de grandes conquistas das artes modernas, marcam o país oriental de maneira tão intrínseca desde meados do século XVII.

Ao percorrer os quatro núcleos da exposição, os visitantes são apresentados às diversas referências dessas réplicas do humano em vários momentos da história do Japão, desde a corte imperial até a vida de pessoas comuns em tempos atuais. E, a partir de cada uma das quatro perspectivas, entender os principais tipos e culturas por trás dessa antiga tradição, assim como a dimensão do impacto dessa produção artística na vida cotidiana da população daquele país.

SERVIÇO

Exposição NINGYŌ:

Arte e Beleza dos Bonecos Japoneses

Até 18 de setembro

Museu da Imigração

Rua Visconde de Parnaíba, 1.316, Mooca, São Paulo/SP

Tel.: (11) 2692-1866

Funcionamento: de terça a sábado, das 9h às 18h,

e domingo, das 10h às 18h

(fechamento da bilheteria às 17h)

R\$ 10 e meia-entrada para estudantes e pessoas acima

de 60 anos | Grátis aos sábados

www.museudaimigracao.org.br

Fotos: Divulgação





Joseca Yanomami, *Sem título*, 2011, Acervo MASP
Foto: Divulgação



Dalton Paula, *Ambrosina*, 2020, Acervo MASP
Foto: Divulgação

No Masp, primeira mostra individual
de JOSECA YANOMAMI
e pinturas de personalidades históricas negras
de DALTON PAULA

As duas exposições fazem parte da programação da instituição no ano em que o bicentenário da Independência do Brasil é o eixo central das mostras do museu – Histórias brasileiras, com novas narrativas visuais, mais inclusivas, diversas e plurais

JOSECA YANOMAMI: NOSSA TERRA-FLORESTA

Há 30 anos foi homologada a Terra Indígena Yanomami.

Celebrando esse acontecimento, a mostra exibe desenhos sobre a cosmologia e a vida cotidiana deste povo



Joseca Yanomami, *Sou o espírito feminino Parahorioma, circundada por sopros de vento. O perfume das árvores roko ahi se espalha por toda parte rio abaixo, suas flores cobrem o chão. Nossa floresta dos xapirip*, 2013, Acervo MASP

Foto: Divulgação

A exposição reúne 93 desenhos de personagens, cenas, paisagens e fenômenos do universo yanomami, tendo como referência a floresta, seus povos, suas histórias e os cantos xamânicos. Esta é a primeira exposição individual dedicada aos desenhos do artista, apresentando parte expressiva de sua produção no ano em que são celebrados os 30 anos da homologação da Terra Indígena Yanomami. A Curadoria é de Adriano Pedrosa, diretor artístico do MASP, e David Ribeiro, assistente curatorial da instituição.

“Os desenhos de Joseca nos permitem, a partir do nosso olhar e do nosso sentir, perceber que a diversidade habitante da floresta também é formada pelos xapiripë, os espíritos que garantem a todos nós, indígenas e não indígenas, a certeza de que o sol nascerá no dia de amanhã e que o céu não desabará sobre a nossa cabeça”, reflete o curador David Ribeiro.

A maior parte dos desenhos é acompanhada de descrições feitas originalmente em yanomami pelo artista e que dão conta das dimensões cosmológicas presentes em sua narrativa visual. A obra *Urihi xi wãrii tëhë thë urihi huëmai wihi thëã* (*Os xamãs seguram a terra quando esta entra em caos*), de 2011, por exemplo, se preocupa em demonstrar o trabalho de preservação da terra pelos xamãs, que se soma à conservação ambiental realizada pelos povos indígenas e tradicionais.

As obras do artista também manifestam a expressão da luta indígena contra as ameaças que põem em risco os yanomami e a terra-floresta em que habitam, sugere-



Joseca Yanomami, *Sem título*, 2013, Acervo MASP
Foto: Divulgação

rindo, inclusive, a importância dos não indígenas nessa batalha. *“A produção artística de Joseca Yanomami se investe da função de lembrar-nos a parte que nos cabe, como não indígenas, na defesa dos direitos dos povos indígenas e, por extensão, dos direitos da gente da floresta”,* pontua David Ribeiro. *“A chegada desses desenhos ao MASP é, portanto, a descida dos xapiripë a um território que, ao recebê-los, assume seu compromisso*

com a defesa da terra-floresta, de todos os que nela habitam, e com a cura dos males causados pelo povo da mercadoria à gente da floresta”, finaliza.

A exposição ainda conta com a exibição do vídeo *SOPRO*, do coletivo *Barreira Y*, com apoio do Fórum de Lideranças Yanomami e YeK’wana e do Instituto Socioambiental. A obra traz a projeção dos desenhos do Joseca Yanomami, acompanhada de falas de Davi Kopenawa Yanomami, realizadas em 2020 no congresso nacional, como parte da campanha [#foragarimpoforacovid](https://twitter.com/foragarimpoforacovid), contra o garimpo e a disseminação da Covid-19, além de outras doenças e males causados na terra yanomami por garimpeiros.

Joseca Yanomami (1971, rio Uxi u, Terra Indígena Yanomami) é um artista visual integrante da comunidade

Watoriki, da Terra Indígena Yanomami, no Amazonas. Interessado pelas áreas de saúde e educação, fundou, na década de 90, a primeira escola yanomami de seu grupo, incentivando crianças no aprendizado da escrita e no estudo de línguas, processo que havia, então, vivenciado recentemente. Na época, participou da produção de inúmeros folhetos bilíngues (yanomami/português) para programas de educação escolar e de saúde criados por ONGs brasileiras.

No começo dos anos 2000, Joseca foi o primeiro Yanomami a trabalhar na área da saúde. Nessa época, começou a esculpir animais da floresta em madeira, e, logo em seguida, passou a se dedicar também a desenhos que ilustravam elementos e histórias da vida, do cotidiano, do contexto e da cosmologia yanomami.



Joseca Yanomami,
Sem título, sem data,
Acervo MASP
Foto: Divulgação

DALTON PAULA: RETRATOS BRASILEIROS

A exposição reúne 45 pinturas que retratam lideranças e personalidades negras historicamente invisibilizadas no Brasil. A curadoria é assinada por Adriano Pedrosa, Glauceia Britto e Lilia Schwarcz

A exposição *Dalton Paula: retratos brasileiros* traz trabalhos de diferentes fases da trajetória do artista, de 2018 até os dias atuais, sendo 30 deles exibidos pela primeira vez. As obras resultam de um longo processo artístico que se inicia com a seleção de biografias, parte para uma pesquisa e a coleta de documentos, como fotos e recortes, e então segue para a fase de produção. *“É possível dizer que as pinturas falam entre si, como amigas íntimas, expressando suas personalidades, filosofias e práticas. São feitas no coletivo, como são coletivos os ensinamentos ancestrais”*, reflete a curadora Lilia Schwarcz.

Em sua pesquisa, Paula revisita questões da historiografia oficial e das histórias da arte como matéria de criação de seus retratos, a fim de ressignificar e dar protagonismo às contribuições de personalidades afrodescendentes. Um exemplo disso é o uso da fotografia, em que o artista subverte a suposta objetividade fotográfica e seu valor como registro histórico ao utilizar fotografias contemporâneas de pessoas do quilombo Alto San-



Dalton Paula, *João de Deus Nascimento*, 2018, Acervo MASP
Foto: Divulgação



Da esquerda para a direita: Dalton Paula, *Maria Firmina dos Reis*, 2022, e *Manuel Congo*, 2022, Acervo MASP

Fotos: Paulo Rezende

tana, em Goiás, e de personalidades negras de diferentes origens e períodos históricos como base para a criação de alguns de seus novos retratos através da pintura.

Na construção das obras, o artista explora o recurso da cor para evocar diferentes significados e como metáfora para a ocupação de outros espaços: da arte, da história e da sociedade. *“A cor tem sido pensada como estratégia tanto para não permitir o enquadramento de sua produção em determinadas categorias estéticas que a subalternizem quanto para ‘chamar o olhar para dançar’ através das ca-*

mas de tinta e de significado que dão forma e destaque aos seus personagens”, reflete a curadora Glaucea Britto.

O uso de duas telas para compor cada retrato é outra característica visual marcante do trabalho de Paula, atuando como uma metáfora para o processo de pesquisa vivenciado pelo artista nas comunidades quilombolas, onde é possível buscar vestígios e juntar fragmentos na reconstrução de uma história que permanece em aberto, fissurada, indicando outras possibilidades de sentido.

“O artista busca uma vocação no presente sem se desfazer da violência do passado. Tanto que ‘parte’ seus retratos em dois, em duas telas unidas, que deixam entrever a fenda. Assim, fica aparente a incompletude, mas também a plenitude dessas pessoas”, descreve Lília Schwarcz.

Em suas obras mais recentes, o artista adota os espaços sem preenchimento de tinta, sugerindo uma história em reconstrução. As folhas de ouro de 22 quilates utilizadas como adorno nos cabelos dos retratados exaltam a importância central da cabeça nas tradições afro-brasileiras como um lugar sagrado e honram as histórias dessas personalidades – algumas delas, reis e rainhas no continente africano – que foram escravizadas no Brasil.

Dalton Paula (1982 - Brasília) vive e trabalha em Goiânia, onde se formou em Artes Visuais na Universidade Federal de Goiás (UFG). Sua prática artística utiliza diversas linguagens, como pintura, performance, instalação, fotografia e objeto, para evidenciar relações

entre imagem e poder. Em seu repertório, a figura central é o corpo negro em diáspora, seus ritos e rituais, com destaque para os retratos de personalidades negras que constituem uma proposta de revisão da historiografia oficial do Brasil.

SERVIÇO

JOSECA YANOMAMI: NOSSA TERRA-FLORESTA

DALTON PAULA: RETRATOS BRASILEIROS

Até 30 de outubro

MASP — Museu de Arte de São Paulo

Assis Chateaubriand

Avenida Paulista, 1578 — Bela Vista, SP

Telefone: (11) 3149-5959

Horários: terça grátis, das 10h às 20h (entrada até as 19h); quarta a domingo, das 10h às 18h (entrada até as 17h)

Agendamento on-line obrigatório pelo link

masp.org.br/ingressos

Ingressos: R\$ 50 (entrada); R\$ 25 (meia-entrada)

www.masp.org.br



Joseca Yanomami,
Sem título,
2012,
Acervo MASP
Foto: Divulgação



Dalton Paula,
Assumano Mina do Brasil, 2022,
Acervo MASP
Foto: Paulo Rezende



Festival Internacional de Cinema acontece entre os dias 9 e 13, com exibição de 42 obras de 12 países. Este ano o evento ainda será realizado de forma online

O FestCine Pedra Azul escolheu a atriz Malu Mader para ser a grande homenageada de sua quinta edição que ainda será exibida remotamente, através do site oficial www.festcinepedraazul.com.br. O diretor geral do Festival, Marcoz Gomez, e a Tower Filmes, realizadora do evento, informaram que em 2023 o evento voltará a ser de forma presencial.

Dentre as 320 obras inscritas, as 42 escolhidas – de diferentes estados do Brasil e do exterior – contam

plam os mais diversos gêneros cinematográficos. Os filmes selecionados receberam uma certificação digital concorrendo em 30 categorias.

Os vencedores serão escolhidos pela comissão de júri do Festival composta por Cal Gomes, jornalista e publicitário, André Moraes, cineasta e músico, Sara Engelhardt, roteirista e diretora de animação, e Pedro Kalli, filmmaker e editor.

Confira os filmes selecionados:

CURTAS NACIONAIS

Professional Experience – Direção: Marco Felipe Rossi

Mais Um Dia – Direção: Lufe Berto

Primeiro Dia – Direção: Liziane Bortolatto

Primos – Direção: Daniel Pustowka

Sangues – Direção: Rose de Farias Panet

Diversos de Mim Mesmo – Direção: Coi Belluzzo e Joaquim Haickel

CURTAS INTERNACIONAIS

Perdidas (Espanha) – Direção: Oscar Toribio Carbayo

Kiss Me At Dead Of Night (Japão) – Direção: Dai Sako

MTI (Chile) – Direção: Mauricio Corco

Fever (Suíça) – Direção: Matias Carlier

Cuello (Canadá) – Direção: Sebastian Ortiz Wilkins

Invisible Troupe (Grécia) – Direção: Lampros Ntousikos

'Til Morning (Estados Unidos) – Direção: Ana Moioli e Ryan Cairns

LONGAS NACIONAIS

Coração de Neon – Direção: Lucas Estevan Soares

Fora de Cena – Direção: João Gabriel Kowalski

Memórias Ocultas – Direção: Larissa Vereza e Emiliano Ruschel

Verona – Direção: Ane Siderman

LONGAS INTERNACIONAIS

Sweet Disaster (Alemanha) – Direção: Laura Lehmus

The Ugly Truth (Alemanha) – Direção: Krishna Ashu Bhati

Night Is The Expectation Of Day (Iran) – Direção: Moein Hasheminasab

Don't Tear Yourself Apart (Estados Unidos) – Direção: P. Tavares

DOCUMENTÁRIOS NACIONAIS

Linha de Frente Brasil – Direção: Elder Fraga

Narrativas do Pós – Direção: Jairo Neto e Graubi Garcia

Eu Sou Capim Navalha – Direção: Rodrigo Alessandro Vargas

Cavalo Marinho – Direção: Gustavo Serrate Maia

As Portas Abertas – Direção: Rodrigo Usba

O Artista e a Força do Pensamento – Direção: Elder Fraga

Sobre Pardinhos e Afrocaipiras – Direção: Daniel Fagundes

DOCUMENTÁRIOS INTERNACIONAIS

Tierra Calcinada (Espanha) – Direção: Antonio Ferrer

John Farrow - Hollywood's Man in the Shadows (Austrália) –

Direção: Frans Vandenburg e Claude Gonzalez

The Stray Story (Cyprus) – Direção: Christina Georgiou

Muco: Contradiction Within Tradition (Brasil) –

Direção: Oberom Corrêa da Silva

ANIMAÇÃO

Guto - Um Sopro (Brasil) – Direção: Andrei Oliveira e Vitor Meuren

As You Like It (Alemanha) – Direção: Hannes Rall

Anantara (Brasil) – Direção: Douglas Ferreira

WEBSÉRIE

Sala de Espera – Direção: Renan Amaral

O Outro Lado da Lua – Produção: Prodzi Company

Copo Descartável – Produção: Prodzi Company

Até Você Me Esquecer – Direção: Priscilla Pugliese

Sanctum – Direção: Murilo Bonini dos Santos

Call com Cleo – Direção: Amanda Azevedo e Pedro Lucas de Castro

Falaceira – Direção: Max Reinert, Denise da Luz



De cima
para baixo:
Stills
Primeiro Dia
e *Coração de
Neon*



Rommulo Vieira Conceição, *A fragilidade dos negócios humanos pode ser um limite espacial incontestável*

Fotos: Divulgação

A partir do dia 1º, PLAY FESTIVAL
leva artes integradas para circular
em cinco regiões do Rio de Janeiro

*Através de instalações e intervenções artísticas, o festival explora múltiplas
experiências estéticas nas artes visuais, música, teatro, dança, literatura e arte urbana*

O Play Festival acontece entre 1º de agosto e 3 de setembro de 2022 e ocupa cinco regiões do Rio de Janeiro: Zona Sul – Praça do Largo do Machado e Oi Futuro Flamengo; Centro – Praça Mauá e Museu de Arte do Rio; Zona Norte – Parque Madureira e Arena Fernando Torres junto a Zonas de Cultura Madureira; Santa Cruz - Marco 11 e Ser Cidadão; Duque de Caxias - Centro Cultural Oscar Niemeyer e Biblioteca Pública.

Com idealização e curadoria de Tathiana Lopes, especialista em cultura, educação e comunicação, o Play conta com cinco instalações artísticas comissionadas, expostas em diversos espaços públicos da cidade, e se desdobra em uma série de ações e atividades que promovem experimentação e reflexão a partir das infâncias e juventudes, da cidade e suas diversidades.

O Play é uma Plataforma Livre de Acesso às Artes, de impacto sociocultural, que através das múltiplas linguagens e expressões artísticas, deseja ampliar percepções sobre educação. Estimulando a reflexão e a experimentação através de instalações e intervenções, performances, residências, oficinas e diálogos, que exploram diferentes experiências estéticas nas artes visuais, música, teatro, dança, literatura e arte urbana, oferece um espaço de conhecimento, troca e intercâmbio artístico, cultural e territorial.

Durante todo o mês de agosto, o público será estimulado a se deslocar, interagindo de forma livre com as instalações. A cada semana o festival desembarca em uma das cinco regiões oferecendo às crianças, jovens e famílias

uma programação criada a partir das obras e dos territórios que elas ocupam – com performances, debates, programas educativos, oficinas e rodas de conversa.

INSTALAÇÕES URBANAS

Até 3 de setembro, as obras públicas estarão instaladas nas cinco regiões. Os trabalhos, criados especialmente para o festival, têm a assinatura dos artistas Agrade Camiz, Sallisa Rosa com Sucata Quântica, Heberth Sobral, Adrianna Eu e Rommulo Vieira Conceição.



Herbert Sobral,
Roda Gigante
Foto: Divulgação

PERFORMANCES E DIFERENTES EXPRESSÕES ARTÍSTICAS CRIADAS A PARTIR DAS INSTALAÇÕES

A cada sábado o festival desembarca em um dos territórios, levando uma programação composta por artistas locais, que exploram diferentes linguagens nas artes visuais, teatro, dança, música e performances, em parceria com os espaços culturais e museus.

OFICINAS

As oficinas e atividades propostas fazem parte do *Programa Educativo*, conjunto de ações criadas a partir das instalações que irão dialogar com os diferentes espaços, estimulando uma articulação entre territórios/instituições culturais/escolas, a partir das temáticas centrais do Play.

DIÁLOGOS

Têm como foco a discussão dos assuntos e temáticas mais presentes hoje no mundo, sob a perspectiva de uma Cidade Educadora e seus principais elementos, as diversidades, a democratização de acesso, a democratização de conhecimento, a inclusão social, a sustentabilidade, e como essas temáticas atravessam e geram impacto e transformação cultural e social.



EXPOSIÇÃO – “SE ESSA RUA FOSSE MINHA”

Em cartaz de 6 de agosto a 2 de outubro no Oi Futuro Flamengo, a mostra materializa as práticas e ações promovidas pelo Play, onde serão exibidos os processos criativos dos artistas visuais convidados, entrevistas com as crianças que vivem nos territórios pesquisados pelo projeto, além de conversas com lideranças e personalidades locais e suas vivências.

São convidados da exposição:

Os artistas visuais: Agrade Camiz, Sallisa Rosa com Sucata Quântica, Heberth Sobral, Adrianna Eu e Rommulo Vieira Conceição. Tema: o processo de criação e construção de suas obras públicas para o festival.

As personalidades e lideranças locais: Elisa Lucinda (Zona Sul), Amir Haddad (Centro), Tia Surica (Madureira), WG da Rua (Santa Cruz) e Heraldo HB (Duque de Caxias). Tema: suas vivências da cidade e das localidades onde moram.

As Instituições sócio culturais com foco no atendimento a crianças e jovens da região, sob a perspectiva da arte e do esporte para a educação: Escola Vidigal na comunidade do Vidigal, criada pelo artista plástico Vik Muniz; Instituto Ademafia criado pelo skatista Ademar Lucas, na comunidade do Santo Amaro na Glória; Lanchonete Lanchonete, criada pela artista Thelma Villas Boas, na comunidade da Pequena África, Gamboa, Centro; Jongo da Serrinha, em Madureira; Cultura na Cesta, criada pelo jogador de basquete WG da Rua, na comunidade

Herbert Sobral, {A}grade

Foto:Divulgação

do Cesarão, e Ser Cidadão, criada por um grupo de educadores. Francisco Jorge, como gerente de projetos em Santa Cruz, e a Chypher Kids, criada pelo DJ Zulu Tecnkko que funciona no espaço cultural Lira de Ouro de Duque de Caxias, também fazem parte do projeto.

O Play ouviu 70 crianças atendidas por essas instituições, descobrindo suas percepções sobre a cidade, sobre arte, educação, e também o que elas gostariam de dizer a quem governa a cidade. Os organizadores do festival irão levar todas as crianças entrevistadas às instituições para que participem das atividades artísticas, rodas de conversa e oficinas durante toda a programação do evento.

SERVIÇO

Data e Hora

- *Instalações Urbanas*

1º de agosto a 3 de setembro – Domingo a Domingo – 24 horas

- *Festival*

6, 13, 20, 27 de agosto e 3 de setembro – aos sábados
10h às 19h

- *Exposição*

6 de agosto a 2 de outubro – Quarta a domingo – 11h às 18h

Local

- *Instalações Urbanas*

Agrade Camiz – Praça Largo do Machado, na divisa entre os bairros do Flamengo, Catete e Laranjeiras

Sallisa Rosa e Sucata Quântica – Praça Mauá em frente ao Museu de Arte do Rio no Centro

Heberth Sobral – Parque Madureira em frente a Arena Fernando Torres

Adrianna Eu – Marco XI em Santa Cruz
Rommulo Vieira Conceição – Complexo Oscar Niemeyer em Duque de Caxias

- *Festival*

6 de agosto – Praça Largo do Machado, na divisa entre os bairros do Flamengo, Catete e Laranjeiras

6 de agosto – Oi Futuro Flamengo - R. Dois de Dezembro, 63, Flamengo

13 de agosto – Museu de Arte do Rio - Praça Mauá, 5 - Centro

20 de agosto – Arena Fernando Torres

R. Bernardino de Andrade, 200 - Madureira Parque

Madureira - R. Soares Caldeira, 115 - Madureira

27 de agosto – Ser Cidadão - R. Fernanda, 140, Santa Cruz

3 de setembro – Centro Cultural Oscar Niemeyer

e Biblioteca Pública - Av. Governador Leonel de Moura Brizola, S/N - Centro, Duque de Caxias

Visita Escolas e Instituições Sociais

1º de agosto a 3 de setembro

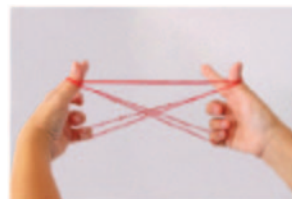
De segunda a sexta – manhã e tarde

Agendamento Cintia Ricardo

educativo@playfestival.art

Classificação: Livre

Mais informações: <https://playfestival.art/>



Adrianna, *Cama de Gato*
Foto: Divulgação



Marcelo Oséas inaugura galeria de arte em Paraty, RJ

*Há quase 10 anos,
o fotógrafo documental
registra a vida de povos
brasileiros e suas tradições.
Agora inaugura a sua própria
galeria, onde exibe um
recorte de suas andanças
pelo país*

O Céu da Dona Laudinete

Especialista em cultura brasileira, o fotógrafo documental Marcelo Oséas inaugura a sua primeira galeria no centro histórico de Paraty, no Rio de Janeiro.

A primeira mostra da Marcelo Oséas Galeria apresenta *Quase Dez Anos*, exposição que revisita a trajetória do artista que retrata diferentes povos do Brasil, como os ribeirinhos da Amazônia e os artesãos do Alagoas, ao longo de 21 imagens capturadas nas viagens que o fotógrafo realizou pelo país.

A EXPOSIÇÃO

Unindo um recorte de fotografias já conhecidas com outras inéditas, a mostra resalta elementos que constituem os modos de viver que existem, resistem e se adaptam ao Brasil contemporâneo. Na seleção, *“estão retratados elementos que compõem a forma de vestir, de festejar, de navegar, de comer, de trabalhar e de viver de diferentes grupos do país”*, explica Oséas.

Entre as imagens que foram produzidas ao longo de quase 10 anos — a década de trabalho será celebrada em 2023 —, o destaque é a fotografia *O Céu da Dona Laudinete*. A foto retrata o teto do ateliê dessa artesã que mora no litoral de Alagoas e trança belas cestarias, com a fibra de coco — uma das matérias-primas locais desta região tão rica.

A foto inédita *A Cuia* é um outro exemplo da riqueza de elementos produzidos pelos povos brasileiros. Na imagem, o fotógrafo registra aquele utensílio que, por na-

tureza, nasce pronto. Apesar da aparente simplicidade, o fruto da cuieira é trabalhado pelos ribeirinhos do Amazonas e ganha marcadores únicos daquela cultura. Hoje, a tradição de fazer cuias é considerada um patrimônio cultural pelo IPHAN.



A Cuia



Iluminação

Além do Amazonas e de Alagoas, as fotos da exposição *Quase Dez Anos* foram tiradas em expedições para o Vale do Jequitinhonha (Minas Gerais), o agreste de Pernambuco, Maranhão, Bahia, Paraty, Ubatuba e Ilhabela (litoral de São Paulo). Nas viagens, Oséas dialogou e fotografou indígenas, caiçaras, quilombolas, ribeirinhos e caipiras, de forma social e ecologicamente responsável.

A GALERIA

A Marcelo Oséas Galeria ocupa um prédio em ruínas, o que não se traduz em nenhum demérito ao espaço. Na verdade, a ideia foi preservar as histórias da construção, localizada em uma esquina do centro histórico de Paraty.

A construção original das paredes e a estrutura aparente do telhado foram mantidas. Somando a estes elementos já existentes, uma treliça de ferro aramada foi instalada no teto e os quadros descem por cabos visíveis. O chão, por sua vez, é feito em pó de xadrez vermelho. Do lado de fora, banquinhos estão instalados, como mais um espaço de convivência para locais e turistas.

Todo o mobiliário da galeria foi confeccionado com sobras de madeiras coletadas em estaleiros da cidade de Paraty, que seriam incineradas caso não houvesse iniciativas de reaproveitamento como essa.

RESPONSABILIDADE SOCIAL E AMBIENTAL

Para Oséas, o exercício de fotografar não deve ser apenas o de clicar as imagens e partir. A melhor foto é feita a partir do diálogo e da troca, o que implica também em contrapartidas sociais. Cada grupo que é fotografado recebe um percentual de venda das fotos, através de financiamentos para iniciativas que o próprio grupo desenvolve.

Outro ponto de compensação é o ecológico. A cada fotografia comercializada pela galeria — em tiragens limitadas de 50 impressões — uma árvore é plantada. O plantio das mudas é feito através da organização *TNC* (*The Nature Conservancy*), o que permite o replantio de espécies típicas de cada bioma beneficiado.

MARCELO OSÉAS

Fotógrafo documental, Marcelo mora entre as cidades de Paraty e São Paulo. Estudou Ciências Econômicas pela Faculdade de Economia e Administração da USP (FEA-USP) e atuou por nove anos em grandes companhias brasileiras, assim como no terceiro setor. Migrou integralmente para a fotografia em 2012.

Sua produção está relacionada às expressões artísticas autóctones latino-americanas, assim como culturas tradicionais — indígena, caiçara e andina. Mantém como campo de pesquisa os processos de assimilação da sociedade de consumo dos elementos culturais nativos, com sua consequente integração ou eliminação.

A primeira participação em exposições ocorreu em 2015; no ano seguinte foi convidado a integrar como membro vitalício do *Lens Culture Awards*, devido ao ranking de destaque entre fotógrafos de 141 países. Seu primeiro livro, *"Agridoce Agrestino"*, foi lançado em 2017.

SERVIÇO

Exposição Quase Dez Anos

A partir de 31 de julho de 2022

Marcelo Oséas Galeria

Rua Dr. Pereira, 125 - Centro Histórico de Paraty – RJ

<https://www.marcelooseas.com.br/>



Curumim

Goiânia-GO, Brasília-DF, São Luís-MA, Itapecuru Mirim-MA,
Santo Amaro do Maranhão-MA, Belém-PA, Parauapebas-PA,
Canaã dos Carajás-PA, Corumbá-MS

DANÇA EM TRÂNSITO 2022 – 4º CIRCUITO

de 8 a 25 de agosto

Set of Sets, Cie ET GN I MC

Foto: Marti Albesa



A 20ª edição do *Dança em Trânsito*, um dos mais importantes festivais internacionais de dança do Brasil, vem renovando sua aposta na diversidade e na itinerância. Ao longo de mais de três meses de programação, o festival envolve 32 companhias nacionais e nove internacionais numa circulação por 30 cidades de cinco regiões brasileiras e promove um circuito por Paris, na França.

Em 2022, o festival se dividiu em oito circuitos, que abarcam as diferentes cidades. Rio de Janeiro e Brasília, além de Goiânia, GO, São Luís, Itapecuru Mirim e Santo Amaro, no Maranhão; Belém, Paraupabas e Canaã dos Carajás, no Pará, e Corumbá, MS, integram o quarto circuito, que acontece neste mês de agosto (programação completa em dancaemtransito.com.br).

O FESTIVAL

Realizado e produzido pelo Espaço Tápias, com direção artística e curadoria de Giselle Tápias e Flávia Tápias, o *Dança em Trânsito* é um festival internacional de dança contemporânea que tem por objetivo valorizar, promover e democratizar esta expressão artística, seja pelo intenso intercâmbio entre artistas e companhias nacionais e internacionais, como também pelo formato itinerante, percorrendo desde as grandes cidades até pequenas localidades no interior do Brasil, em teatros ou espaços públicos.

Criado em 2002, o festival é parte do projeto *Ciudades Que Danzan*, que reúne 41 cidades em diversas partes do mundo com o intuito de difundir a dança contem-

porânea. O projeto abarca apresentações artísticas, formação, capacitação, reflexão e intercâmbio entre grupos de dança de diversas cidades do Brasil e do mundo.

Desde sua criação, o *Dança em Trânsito* já realizou mais de 1.000 apresentações de dança contemporânea, passando por cidades no Brasil e no exterior, para um público de mais de 60 mil pessoas. Em plena fase aguda da pandemia, em 2020, o festival recebeu uma versão 100% online, que ganhou indicação ao *Prêmio Associação Paulista de Críticos de Artes (APCA)*, na categoria “difusão”. Em 2021, já em formato híbrido, venceu o desafio de manter sua essência de festival itinerante, promovendo um intercâmbio cultural entre 25 cidades brasileiras.

Sua atuação abrange ainda aulas abertas e gratuitas, oficinas de criação, residências artísticas de intercâmbio e parcerias criativas, abrindo canais para a troca de experiências, para a descoberta de novos talentos da dança e para a formação de plateias.

Dança em Trânsito tem direção geral de Giselle Tápias e direção artística e curadoria de Giselle Tápias e Flávia Tápias. Patrocínio do Instituto Cultural VALE e ENGIE.



PROGRAMAÇÃO

GOIÂNIA – GO

8 AGOSTO – SEGUNDA-FEIRA

17h30 | *Parque Flamboyant***Lo que los árboles no cuentan** (20 min.)

Kiko López e Hector Plaza (Barcelona, Espanha)

Fragmentos do espetáculo Prosa (12 min.)

Nayane Fernandes e Fernanda Hilário (Goiânia, GO, Brasil)

Adapta-bilidade (12 min.)

Nimo Cia de Dança (Rio de Janeiro, RJ, Brasil e Portugal)

9 AGOSTO – TERÇA-FEIRA

12h | *Parque Vaca Brava***Blue Monday** (12 min.)

Hector Plaza e Agnes Sales (Barcelona, Espanha)

Ekesa-Sanko (15 min.)

Corpus entre Mundos (Brasília, DF)

Fragmentos do espetáculo Prosa (12 min.)

Nayane Fernandes e Fernanda Hilário (Goiânia, GO)

19h | *Teatro Sesi – Sala de Eventos***Motiró** (50 min.)

Grupo Favela (Rio de Janeiro, RJ)

20h | *Teatro Sesi – Escada do Foyer***Apresentação do resultado da residência de criação**

com Kiko López (Barcelona, Espanha)

Fragmentos do espetáculo Prosa (12 min.)

Nayane Fernandes e Fernanda Hilário (Goiânia, GO, Brasil)

20h30 | *Teatro Sesi – Teatro***Café não é só uma xícara** (50 min.)

Grupo Tápias (Rio de Janeiro, RJ, Brasil e Paris, França)

BRASÍLIA – DF

10 AGOSTO – QUARTA-FEIRA

16h30 | *CCCBB – Sala de cinema***Dança em Foco – Festival Internacional de Vídeo & Dança**

Leonel Brum (Fortaleza, CE)

17h30 | *CCCBB – Área externa***Rotas Plural** (18 min.)

Resultado da residência coreográfica de criação a partir do intercâmbio entre a dança contemporânea e estilos musicais populares do Brasil

Lo que los árboles no cuentan (20 min.)

Kiko López e Hector Plaza (Barcelona, Espanha)

Adapta-bilidade (12 min.)

Nimo Cia de Dança (Rio de Janeiro, RJ, Brasil e Portugal)

19h | *CCCBB – Teatro***Set of Sets** (57 min.)

GN|MC Guy Nader | Maria Campos (Barcelona, Espanha)

11 AGOSTO – QUINTA-FEIRA

16h30 | *CCCBB – Sala de cinema***Dança em Foco – Festival Internacional de Vídeo & Dança**

Leonel Brum (Fortaleza, CE)

17h30 | *CCCBB – Área externa***Motiró** (20 min.)

Grupo Favela (Rio de Janeiro, RJ)

Blue Monday (12 min.)

Hector Plaza e Agnes Sales (Barcelona, Espanha)

19h | *CCCBB – Teatro***Café não é só uma xícara** (50 min.)

Grupo Tápias (Rio de Janeiro, RJ, Brasil e Paris, França)

SÃO LUÍS – MA

12 AGOSTO – SEXTA-FEIRA

18h30 | *Praça Nauro Machado*

Ekesa-Sanko (15 min.)

Corpus entre mundos - Dilo Paulo (Brasília, DF)

19h30 | *CCVM – Auditório*

Adapta-bilidade (12 min.)

Nimo Cia de Dança (Rio de Janeiro, RJ, Brasil e Portugal)

Pátio

Blue Monday (12 min.)

Hector Plaza e Agnes Sales (Barcelona, Espanha)

13 AGOSTO – SÁBADO

18h30 | *Praça Nauro Machado*

Lo que los árboles no cuentan (20 min.)

Kiko López e Hector Plaza (Barcelona, Espanha)

19h30 | *CCVM – Teatro*

Estético Sético (7 min.)

Anyel Aram (Rio de Janeiro, RJ)

CCVM – Pátio

Pipoca (25 min.)

Marcio Cunha (Lumiar/RJ, Brasil)

ITAECURU MIRIM – MA

14 AGOSTO – DOMINGO

19h30 | *Quilombo Santa Rosa dos Pretos*

Escola Rafaela / Elvira Pires

Estético Sético (7 min.)

Anyel Aram (Rio de Janeiro, RJ)

Blue Monday (12 min.)

Hector Plaza e Agnes Sales (Barcelona, Espanha)

Ekesa-Sanko (15 min.)

Corpus entre mundos - Dilo Paulo (Brasília, DF)

Apresentação do resultado da residência de criação com Dilo Paulo (Brasília, DF)

SANTO AMARO DO MARANHÃO – MA

15 AGOSTO – SEGUNDA-FEIRA

19h30 | *Praça Central*

Estético Sético (7 min.)

Anyel Aram (Rio de Janeiro, RJ)

Lo que los árboles no cuentan (20 min.)

Kiko López e Hector Plaza (Barcelona, Espanha)

Ekesa-Sanko (15 min.)

Corpus entre mundos - Dilo Paulo (Brasília, DF)

Solo (10 min.)

Grupo Tâpias (Rio de Janeiro, RJ, Brasil e Paris, França)

Apresentação do resultado da residência de criação com Flávia Tâpias (Rio de Janeiro, RJ)

SÃO LUÍS – MA

16 AGOSTO – TERÇA-FEIRA

20h | *Teatro Artur Azevedo*

Café não é só uma xícara (50 min.)

Grupo Tâpias (Rio de Janeiro, RJ, Brasil e Paris, França)

BELÉM – PA

18 AGOSTO – QUINTA-FEIRA

10h | *Espaço Oryba – Ilha do Combú*

Solo (8 min.)

Grupo Tâpias (Rio de Janeiro, RJ, Brasil e Paris, França)

Ekesa-Sanko (15 min.)

Corpus entre mundos - Dilo Paulo (Brasília, DF)

Estético Sético (7 min.)

Anyel Aram (Rio de Janeiro, RJ)

Blue Monday (12 min.)

Hector Plaza e Agnes Sales (Barcelona, Espanha)

17h Em frente a Escola de Dança Clara Pinto

Solo (8 min.)

Grupo Tâpias (Rio de Janeiro, RJ, Brasil e Paris, França)

Ekesa-Sanko (15 min.)

Corpus entre mundos - Dilo Paulo (Brasília, DF)

19h | *Teatro Estação Gasômetro – Parque da Residência*

Paz e Amor (35 min.)

Marcia Milhazes Companhia de Dança (Rio de Janeiro, RJ)

21h Estação das Docas

Rotas Plural (18 min.)

Resultado da residência coreográfica de criação a partir do intercâmbio entre a dança contemporânea e estilos musicais populares do Brasil

19 AGOSTO – SEXTA-FEIRA

11h30 | *Praça da República*

Lo que los árboles no cuentan (20 min.)

Kiko López e Hector Plaza (Barcelona, Espanha)

Estético Sético (7 min.)

Anyel Aram (Rio de Janeiro, RJ)

Apresentação do resultado da residência de criação

com Flávia Tápias (Rio de Janeiro, RJ)

19h30 | *Teatro Estação Gasômetro – Parque da Residência*

Café não é só uma xícara (50 min.)

Grupo Tápias (Rio de Janeiro, RJ, Brasil e Paris, França)

PARAUPEBAS – PA

21 AGOSTO – DOMINGO

16h30 | *Praça dos Ipês*

Blue Monday (12 min.)

Hector Plaza e Agnes Sales (Barcelona, Espanha)

Pipoca (25 min.)

Marcio Cunha (Lumiar/RJ, Brasil)

Apresentação do resultado da residência de criação

com Marcio Cunha (Lumiar, RJ)

Apresentação do resultado da residência de criação

com Nayane Fernandes (Goiânia, GO)

19h30 | *Centro Cultural de Parauapebas – Teatro*

Café não é só uma xícara (50 min.)

Grupo Tápias (Rio de Janeiro, RJ, Brasil e Paris, França)

CANAÃ DOS CARAJÁS – PA

22 AGOSTO – SEGUNDA-FEIRA

19h | *Casa da Cultura de Canaã do Carajás – Palco no Pátio*

Pipoca (25 min.)

Marcio Cunha (Lumiar, RJ)

Blue Monday (12 min.)

Hector Plaza e Agnes Sales (Barcelona, Espanha)

Adapta-bilidade (12 min.)

Nimo Cia de Dança (Rio de Janeiro, RJ, Brasil e Portugal)

Solo (10 min.)

Grupo Tápias (Rio de Janeiro, RJ, Brasil e Paris, França)

Apresentação do resultado da residência de criação

com Marcio Cunha (Lumiar, RJ)

Apresentação do resultado da residência de criação

com Nayane Fernandes (Goiânia, GO)

CORUMBÁ – MS

24 AGOSTO – QUARTA-FEIRA

Instituto Moinho Cultural Sul-Americano

Rotas Plural

Resultado da residência coreográfica de criação a partir do intercâmbio entre a dança contemporânea e estilos musicais populares do Brasil

Adapta-bilidade (12 min.)

Nimo Cia de Dança (Rio de Janeiro, RJ, Brasil e Portugal)

Apresentação do resultado da residência de criação

com Kiko López (Barcelona, Espanha)

25 AGOSTO – QUINTA-FEIRA

Instituto Moinho Cultural Sul-Americano

Ekesa-Sanko (15 min.)

Corpus entre mundos - Dilo Paulo (Brasília, DF)

W.I.W.B.A.K. (12 min.)

Kiko López (Barcelona, Espanha)

Café não é só uma xícara (50 min.)

Grupo Tápias (Rio de Janeiro, RJ, Brasil e Paris, França)

REVIRAVOLTA NO ESPÍRITO SANTO



Reviravolta Videobrasil, Galeria Homero Massena

Foto: Gabriel Lordêlo

Em parceria com a Associação Cultural Videobrasil, a Secretaria de Cultura do Estado do Espírito Santo promove exposição em dois espaços culturais de Vitória, até 10 de setembro

O acervo reunido ao longo da trajetória da Associação Cultural Videobrasil compõe a exposição REVIRAVOLTA, que se expande em dois recortes curatoriais: *Reviravolta – Arte e geopolítica no Acervo Videobrasil*, no Museu de Arte do Espírito Santo – MAES, e *Reviravolta – Corpo e performance no Acervo Videobrasil*, na Galeria Homero Massena. A curadoria é de Solange Farkas, fundadora e diretora do Videobrasil.

“As duas exposições reunidas sob o título Reviravolta atestam a potência e o alcance simbólico deste acervo em duas frentes diversas. Concebidas à luz de outras reviravoltas, incluindo os períodos recentes de isolamento nos quais nos vimos obrigados, todos, a performar diante de telas e a ver o mundo por meio delas, revelam uma produção artística comprometida, desde sempre, em revirar nossas certezas, tratar daquilo que

é urgente e nos colocar diante de novas perspectivas”, afirma Solange Farkas.

O projeto reforça o desejo histórico da Videobrasil de acessar territórios fora dos grandes eixos de poder, não só no mundo (o Sul Global), mas também no próprio País (para além do eixo Rio-São Paulo). E a parceria com a Secretaria da Cultura do Espírito Santo inclui a participação de artistas capixabas na REVIRAVOLTA e a inserção das obras dos artistas locais ao acervo Videobrasil.

“A partir do trabalho de artistas daqui e de outros países, a Videobrasil nos apresenta um panorama que discute e nos provoca em outros mundos imagináveis. O Espírito Santo recebe e se integra, por meio de sete artistas, ao rico e valioso acervo da instituição, que, ao longo de décadas, tem dado conta da produção artística em vídeo de um conjunto importante de países”, pontua o secretário de Estado da Cultura, Fabrício Noronha.

Arte e geopolítica no Acervo Videobrasil, no MAES, parte da cartografia desenhada pelas duas últimas edições da Bienal de Arte Contemporânea Sesc_Videobrasil. Destaca a produção do chamado Sul Global – termo que se refere aos territórios à margem da modernização hegemônica e do capitalismo central, principalmente na América Latina, África, Leste Europeu, Ásia e Oriente Médio.



Cristhina Bastos (ES), *Bosque de Casulos*,
Parque Cultural Casa do Governador Foto: Everaldo Acerbi

Reunida a partir dos mais de 200 registros de performances da coleção, a lista de artistas e coletivos participantes em *Reviravolta – Corpo e performance no Acervo Videobrasil*, vindos de diferentes cantos do globo incluiu, entre outros, Melati Suryodarmo, Marcello Mercado, Coco Fusco, Lenora de Barros e Walter Silveira, Steina Vasulka e Stephen Vitiello, Michael Smith, Waly Salomão, Eder Santos e Chelipa Ferro.

A mostra dedica um programa especial aos artistas capixabas com obras performáticas de Charlene Bicalho, Castiel Vitorino Brasileiro, Geovanni Lima, Fredone Fone, Marcus Vinícius, Natalie Mirêdia e Rubiane Maia. Parte significativa dos trabalhos expostos passarão a integrar o Acervo Videobrasil, que, além de cuidar de sua salvaguarda, assume o compromisso de dar maior visibilidade e circulação às obras e aos artistas.

Em outra linha de ampliação do diálogo da produção artística do Espírito Santo, em parâmetros nacionais, está o parque de esculturas implementado no Parque Cultural Casa do Governador. Ao todo, são 21 obras apresentadas, sendo dez temporárias e 11 permanentes, de artistas de diversos estados do País, por meio do primeiro Edital com recursos do Fundo de Cultura do Estado (Funcultura – ES), aberto nacionalmente.

"Estamos vivendo uma intensa produção artística no Espírito Santo, ampla, múltipla e consistente, articulando pesquisas, práticas e discursividades, em diálogo direto com as urgências dos tempos de agora. A interlocução e o intercâmbio entre estados e instituições es-

timulam um necessário fortalecimento das redes, dos artistas e suas produções, para além das fronteiras dos territórios", afirma Nicolas Soares, diretor do MAES.

SERVIÇO

Reviravolta – Arte e geopolítica no Acervo Videobrasil

Museu de Arte do Espírito Santo – MAES

Av. Jerônimo Monteiro, 631 - Centro,

Vitória, ES – Telefone: (27) 3132-8390

Horários: Segunda, terça, quinta e sexta – 10h/18h

Quarta – 10h/20h | Sábado – 10h/16h

Reviravolta – Corpo e performance no Acervo Videobrasil

Galeria Homero Massena

Rua Pedro Palácios, nº 99 - Cidade Alta,

Vitória, ES – Telefone: (27) 3223-5590

Horários: De segunda a sexta – 9h/18h | Sábado – 13h/17h



Reviravolta Videobrasil, MAES

Foto: Gabriel Lordêlo

ENTRE DOIS AMORES

Texto e fotos: Maria Hermínia Donato



Minha antecipação de viajar para o Rio de Janeiro começa na compra da passagem, meses antes da data de partida. Me pergunto: Quanto tempo vou ficar desta vez? Criei o hábito de adiar a minha volta para Londres a ponto de a agente de viagem me aconselhar a marcar meu retorno já incluindo o tempo da mudança.

O pertencimento aos dois países me faz sentir saudades daquele aonde não estou. As saudades já começam antes da partida e, *“em busca do tempo perdido”*, vou visitar exposições, cafés, restaurantes e mercados de rua, para me despedir.

Iniciei minha “jornada de despedida” na Tate Britain, para ver a imperdível exposição retrospectiva da artista Cornelia Parker.

No sábado, três dias antes da viagem, já com saudades de Londres, fui ao *Café Cecília*, do jovem chefe Max Rocha, cujo CV inclui os famosos restaurantes *River Café* e *St John*. Fica em Hackney, no Leste de Londres, em

Rochelle Canteen

frente ao *Regent's Canal*. Um espaço pequeno e simples, decorado com a ajuda de seu pai, o costureiro John Rocha, e sua irmã Simone. Sua mãe Odette marca presença na influência do menu; foi ela quem incentivou Max a ingressar na gastronomia.

O menu é restrito, mas eu nunca comi um pão feito de cerveja Guinness (aquela bem escura) tão gostoso. E vem acompanhado de *coolea*, queijo irlandês suave e delicioso, e ovo. Com um ano de existência, o *Café Cecilia* já está sendo considerado um dos sérios restaurantes de Londres. www.cafececilia.com

Após o excelente café da manhã, fui ao *Broadway Market*, um mercado estabelecido desde a década de 1890 que oferece uma mistura única de gostos e culturas. As barracas têm produtos frescos incríveis, comida de rua autêntica, roupas originais, artes e artesanato. Numa pequena rua do *East End*, entre o *Regent's Canal* e *London Fields*, você encontrará algumas das melhores lojas, livrarias, pubs, restaurantes, cafés, açougues e peixarias do leste de Londres.

No domingo fui ao mercado de flores da rua Colombia. Meu retorno será no outono e as magníficas flores terão ido embora. São barracas e barracas cheias de flores, plantas tropicais, orquídeas variadas, um deslumbrante visual. A rua também deve ser explorada: joalherias, lojas de objetos e materiais de decoração, perfumaria, roupa de criança, acessórios. Um comércio diferenciado e único.

Para a despedida da família, encontro com meus filhos e neto no restaurante *Rochelle Canteen*, um dos nossos restaurantes favoritos, escondido perto do *Arnold Circus*, um jardim vitoriano, com um coreto e grades enroladas por madressilva. Você toca a campainha e, como se estivesse fora de Londres, entra num jardim murado de uma antiga escola, agora usada como escritórios da indústria criativa. O restaurante ocupa o antigo galpão de bicicletas da escola e tem ainda uma área ao ar livre.

www.arnoldandhenderson.com

Foi um almoço de “até breve” maravilhoso, regado com um bom vinho, nada a reclamar.

Já estou sentindo saudades...



Café Cecilia



Cornelia
Park,
*30 Pieces
of Silver*

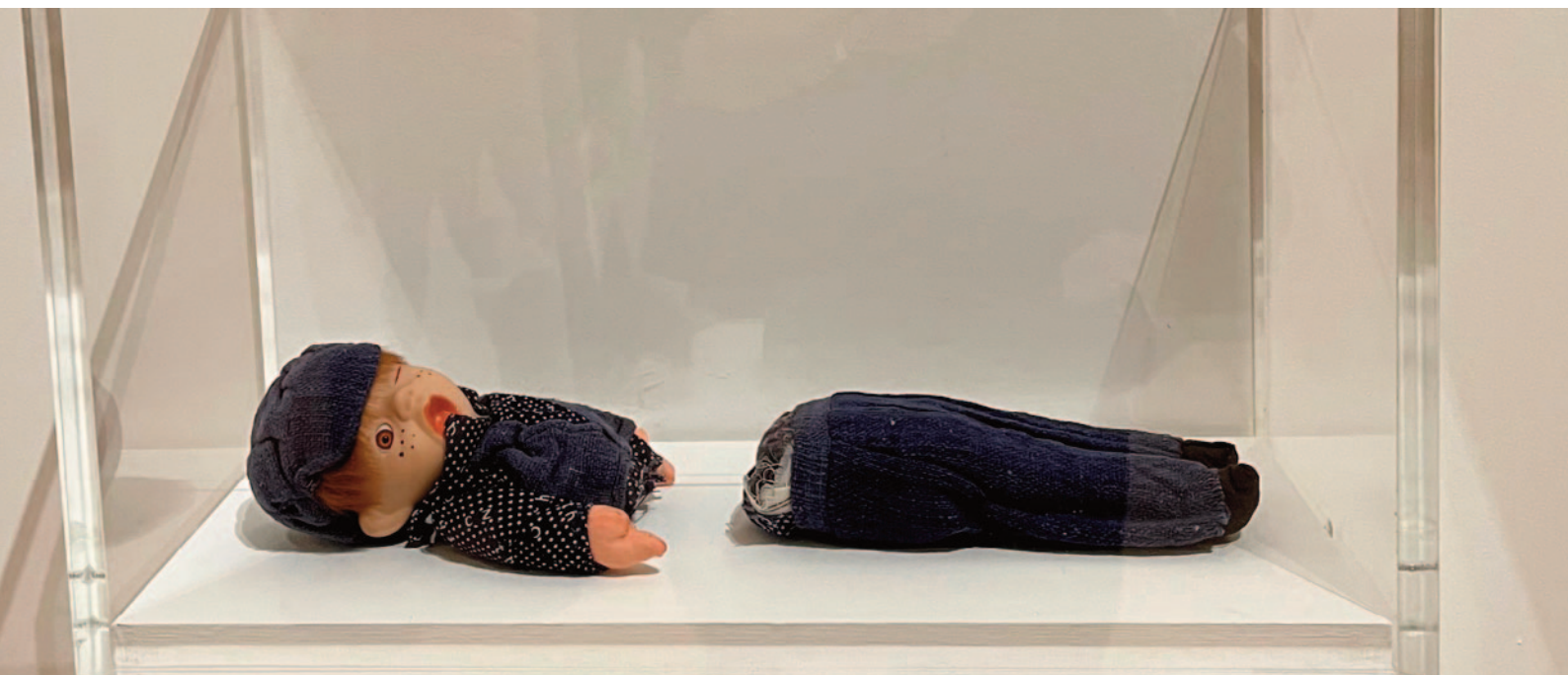
A GENIALIDADE DE CORNELIA PARKER NA TATE BRITAIN

A mostra, que reúne quase 100 obras dos últimos 35 anos de sua carreira, inclui esculturas, instalações, filmes, fotografias, bordados e desenhos. Parker subverte as formas tradicionais de esculpir, modelar, moldar por esmagar, explodir, disparar, queimar ou virar do avesso os objetos do cotidiano que usa na execução de suas obras.

Estes objetos, além de trazerem consigo suas histórias, são também usados como matéria-prima ou ferramen-

tas, são passivos e ativos: podem ser transformados de permanentes para efêmeros, de escuros para claros, estáticos para móvel. A artista dá a eles a liberdade de adquirirem uma nova leitura, uma nova identidade que surpreende, intriga e permanece.

A instalação *30 Pieces of Silver* (*30 Peças de Prata*, 1988) é composta por 30 grupos em forma de discos pendurados. Cada grupo é feito a partir de aglomerações de bules, castiçais, pratos, talheres, cinzeiros, todos



Cornelia Park, *Shared Fate (Oliver)*

de prata e achatados por um rolo compressor. Cada objeto é suspenso por fios de cobre alguns centímetros acima do chão, numa dança lenta quase despercebida. Segundo Cornélia Parker, as peças levitam como fantasmas aguardando julgamento ou ressurreição. O título da obra se refere ao pagamento que Judas recebeu por trair Jesus.

A surpresa, a magia e a beleza da destruição são as mesmas emoções que senti quando vi esta obra pela primeira vez: nas paredes *Thirty Pieces of Silver (Exposed)*, 2015 (*30 Peças de Prata (Revelada)*). Há 30 anos, no mercado de rua chamado *Brick Lane*, Parker encontrou um conjunto de chapas fotográficas de objetos de prata antigos feitas para um catálogo de leilão dos anos 60. Usando os negativos de vidro em seus

sacos originais de *glassine*, a artista criou uma série de 21 fotografuras.

Numa entrevista, ao responder porque a prata é um dos materiais mais usados no seu trabalho, Parker disse: “*Eu amo prata e sua conexão com fotografia, especialmente, a Prataria em Três Prateleiras - 1839, de William Henry Fox Talbot, inventor do negativo e da fotogravura. E tenho também uma relação pessoal com esse metal: quando eu estava crescendo, os meus padrinhos alemães me enviavam talheres de prata. Todos os anos, um garfo ou colher chegava pelo correio*”.

A capacidade de Parker de transformar objetos do cotidiano em obras que convidam à reflexão sobre algumas das questões centrais do nosso tempo é extra-

ordinária. E seus trabalhos promovem um olhar atento sobre direitos humanos, violência e história.

Atos de violência estão presentes nos processos de execução de suas obras: *Thirty Pieces of Silver*, 1988. Rolo compressor usado várias vezes para esmagar objetos de pratos; *Cold Dark Matter An Exploded View*, 1991. Explosão de um galpão de jardim com todos os seus objetos (guardados e sem uso). Obras da série *Objetos Evitados e vistos* pela artista como um *Haiku*, um tipo de poesia original do Japão. Série que explora a repressão, negação, rejeição.

Segundo a artista, “*não temos vidas sólidas e fixas; estamos, constantemente, lidando com o que a vida nos joga*”.

Shared Fate (Oliver), 1998, boneco representando Oliver Twist, personagem do escritor Charles Dickens cortado ao meio pela guilhotina que decapitou Marie Antoinette (a guilhotina se encontra no *Chamber of Horrors* no museu de cera Madame Trussard), é outra das obras da exposição, assim como *Luck Runs Out*, 1995 – dicionário baleado pelas costas por cartuchos de dados; o livro só poderia ser aberto na página em que o dado parece afundar como um barco.

Toda a investigação da violência é feita com metáforas e narrativas inteligentes e sutis. Muitos processos usados pelo escultor são violentos, mas despercebidos na obra final pelo seu acabamento muitas vezes perfeito.

Parker subverte o que é violento com sua capacidade de torcer e domar, matar e ressuscitar, tirar e devolver vida à realidade. Seu interesse é de “*revisualizar*” o mundo, criando obras desconcertantes e surpreendentes, fazendo com que você as veja de uma maneira totalmente nova. O ordinário é transformado em extraordinário.

“We live in an unstable world and it needs a lot of sympathetic magic to save it” (vivemos num mundo instável e é necessária muita magia simpática* para o salvá-lo). *Mágica simpática: pessoa pode ser afetada magicamente, por ações realizadas para algo que a represente. Cornélia Parker.

Tate Britain – até 16 de Outubro

<https://www.tate.org.uk/whats-on/tate-britain/cornelia-parker>



Cornelia Park, *Luck Runs Out*

Cornelia Park, *Cold Dark Matter An Exploded View*



Arte

Cultura

Gastronomia
& Bebidas

Turismo

Comportamento

*Aqui você só encontra
notícias boas*

OXIGÊNIO
revista

Seus clientes
ou sua empresa
têm boas notícias
para dar?

Então o lugar é aqui.

ANUNCIE.

Solicite nosso Mídia Kit.

oxigeniorevistabr@gmail.com

(21) 3807-6497 / 97326-6868